

Tem-se dito que afirmar as mais grandes mentiras é um privilégio exclusivo dos muito poderosos. Se atendemos às declarações que realiza ontem ao diário madrilenho El País a directora geral de Instituições Penitenciárias, Mercedes Gallizo, concluiremos que a alta funcionária de Interior encontra-se na citada categoria de privilegiados e dispõem do direito ao cinismo absoluto. Apresentada mediaticamente como uma 'renovadora' das políticas penitenciárias, a máxima responsável do Estado pela gestão dos centros penitenciários e as vidas das 61.000 pessoas privadas de liberdade no Reino de Espanha assegura que "som uma revolução andante". Gallizo define a sua política carcerária como "transformadora", embora reconhece que o aumento da população reclusa é produto do endurecimento de leis que o PSOE não alterará e admite que o acesso a regimes de semi-liberdade é hoje mais difícil do que no passado. Autodefinida como uma pessoa com "uma trajetória muito longa na esquerda", Mercedes Gallizo não duvida no entanto em oferecer ao patronato a barata mão de obra reclusa como um apetecível negócio. Após as recentes declarações em que assegurara que, em dois anos, metade dos presos e presas do Estado teriam trabalho remunerado, Gallizo afirma agora que "queremos explicar aos empresários que é mais rentável trabalhar num centro penitenciário que a 5000 quilómetros, noutro país". A sobreexploração de pessoas presas, sem direito a sindicalização e sob um regime disciplinar militarizado, está a ser aplicada em centros penitenciários como o da Paradela (Teixeiro) onde empresas do automóvel e a confeção dispõem de instalações dentro do próprio cárcere. Anexamos a ligação com a entrevista realizada por El País e extraída do web Indymedia Galiza e recomendamos visitar a informação sobre a sobreexploração em Teixeira publicada o passado dia 21 de Dezembro no nosso portal (página 7 das [jos\\_content](#)).